Luiz Francisco Rebello

O dia seguinte

movimento | teatro

LUIZ FRANCISCO REBELLO

O DIA SEGUINTE

DRAMA EM 1 ACTO

FACULDADE DE LETRAS
GRUPO DE TEATRO
UNIVERSIDADE DE LISBOA

movimento

PERSONAGENS

Ela

Ele

O Juiz

O Secretário

A Filha

O Filho

ACTO ÚNICO

A cena representa um compartimento triangular, de paredes muito altas e nuas. A parede que parte da extrema direita do proscénio, muito mais comprida do que a outra, forma com esta um ângulo cujo vértice se situa aproximadamente a um quarto da extrema esquerda. A linha de encontro das duas paredes não é perpendicular ao solo, mas oblíqua — com uma inclinação no sentido da direita para a esquerda.

Na parede maior — isto é, a da direita — a abertura, estreita e alta, de uma porta em arco. Entre a extrema direita e esta porta, encostado contra a parede, um banco tosco e comprido. Na parede da esquerda, a uma altura bastante elevada,

uma espécie de postigo ou fresta, com grades curvas.

Do tecto, que se perde no urdimento do teatro, pende uma lâmpada sem anteparo, que, quando acesa, atira sobre a cena uma luz crua e violenta. Contra a parede da esquerda, uma cadeira e uma mesa (oblíquas, por conseguinte, em relação à ribalta). Sobre a mesa, um telefone.

As indicações de esquerda e direita entendem-se sempre com referência ao público.

(Ao subir o pano, uma vaga luz de ante-manhã escoa-se pela fresta do muro da esquerda, espalhando sobre a cena uma claridade baça e difusa. Pela porta aberta, penetra a mesma luz cinzenta e como que indecisa. A lâmpada está apagada.
Quase imperceptíveis, imprecisamente emergindo da semi-obscuridade ambiente, dois vultos adormecidos e enlaçados — um rapaz e uma rapariga (ELE e ELA) *— formam, sobre o banco encostado à parede da direita, uma mancha indistinta. Um breve tempo decorre. Até que, pela porta única, entra o* SECRETÁRIO, *transportando um maço de «dossiers» debaixo do braço. Dirige-se à mesa da esquerda, sobre a qual coloca os «dossiers», e, ao mesmo tempo que procura entre eles, vai lançando olhadelas furtivas sobre o par adormecido. Por fim, separa um «dossier» dos restantes.)*

O SECRETÁRIO — É este mesmo. *(Folheando o «dossier», e abanando a cabeça em sinal de dúvida.)* Hum... A coisa parece feia... *(Desvia a vista do «dossier» para o casal.)* Não sei como irão sair-se

dela... *(Vai a folhear de novo o «dossier», quando o telefone começa a retinir. Atende-o.)* Está... Sim... Sim, sou eu... Ah! é vossa excelência, senhor juiz... Perfeitamente, senhor juiz... Não... Não, senhor juiz... Um julgamento apenas... *(De novo olhando o par.)* Duas pessoas, mas é o mesmo caso... Como? Diz vossa excelência? Não, não, mais nada por enquanto... Também não admira: *lá* ainda é cedo... Perfeitamente, senhor juiz... Quando vossa excelência quiser... Às ordens de vossa excelência... *(E desliga o aparelho. Deixa ficar separado, e bem em evidência, o «dossier» que estava a folhear. Antes de sair, junto da porta, lança um último olhar para os dois vultos que continuam adormecidos. E, com um abanar de cabeça entre compadecido e irónico, murmura:)* Pobres diabos...

(Uma longa pausa. Depois, o vulto do rapaz começa lentamente a mover-se — como se estivesse a acordar. Separa-se do abraço da mulher. Passa uma das mãos pelos olhos, pelos cabelos em desalinho. E, endireitando-se no banco, diz:)

ELE — Matilde... *(Mais forte, como ela lhe não responda.)* Matilde...

ELA (*ainda não completamente desperta*) — Que é?

ELE (*sacudindo-a ligeiramente*) — Vamos, Matilde! São horas. Acorda.

ELA (*como acima*) — Horas? De quê?

(ELE *levanta-se. É um homem que ainda não atingiu os trinta anos, abatido pelo cansaço e pelo desânimo de uma existência falhada. No rosto muito branco, como sem sangue, destaca-se a mancha ligeiramente sombreada da barba por fazer. Enverga uma velha gabardine desbotada*).

ELE — O dia não tarda a romper. (*Com desalento:*) Mais um dia... (*Dá dois ou três passos sem destino. Acende um cigarro, que começa a fumar.*)

(ELA, *agora completamente acordada, endireita-se: vinte e quatro anos em que arde uma chama selvagem que, apesar de tudo, as lutas do dia a dia não conseguiram ainda extinguir*).

ELA — Que horas são?

ELE — Não sei. Mas é cedo, com certeza. Ainda há restos da noite à nossa volta.